

Memória e narrativa no Projeto Integrado de Prática Educativa I (PIPE I) no segundo semestre de 2015 do curso de graduação em Teatro da Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

Vilma Campos*

Resumo

A experiência com alunos do curso de graduação em Teatro, relatada neste texto, tem como objetivo buscar alternativas diferenciadas de atuação dos licenciandos em Teatro em escolas básicas e comunidades. Tenho trabalhado com compartilhamentos de processos cênicos, compreendendo que apreciar o teatro é tão fundamental quanto aproveitar os momentos de aula, o que tem sido a forma mais convencional de atuação dos professores em formação por meio de estágios. Aqui são colocados em evidência os procedimentos de trabalho, partindo da particularidade de cada ingressante e, ao mesmo tempo, considerando o que é comum entre as memórias, juntando as narrativas. Durante o segundo semestre de 2015 foram feitas três apresentações; a primeira delas, em uma associação de moradores de bairro; a segunda, em uma escola estadual; a terceira, na própria universidade. Os temas levados pelos graduandos – escolha profissional, separação de pais, opção de sexualidade, quedas na infância, entre outros – aproximaram-se da jovem plateia. O exercício mostrou-se bastante potente, e ficou no grupo o desejo de dar continuidade à iniciativa, após o término da disciplina, por meio de um projeto de extensão que permita maior circulação de ideias e diálogo com outras escolas e comunidades.

Palavras-chave: teatro na escola, teatro na comunidade, narrativa e memória.

Memory and narrative in Integrated Project of Educational Practice I (PIPE I) in the second semester of 2015 of the Theatre undergraduate course of the Federal University of Uberlândia (UFU)

Abstract

The experiment with Theatre undergraduate students, reported in this text, aims to find different alternatives for the presence of Theatre undergraduates in elementary schools and communities. I have worked with scenic processes sharing, hence understanding that enjoying the theater is as important as the moments of lesson, which has been the most conventional way of action of teachers in training through internships. I highlight the working procedures starting from the particularity of each newcomer and at the same time considering what is common among the memories by adding narratives. We did three presentations during the semester, the first one held in a Neighborhood Residents Association, the second in a state

* Professora do curso de graduação em Teatro e mestrado em Artes da Universidade Federal de Uberlândia, pós-doutoranda no Instituto de Artes da Unicamp, sob a supervisão de Suzi Frankl Sperber, bolsa PNPd/Capes. E-mail: leitevilma2008@hotmail.com.

school and the third at the university itself. The themes brought by the undergraduates – career choice, parents divorce, sexual orientation, childhood falls, among others – were very close to the audience, since the undergraduates are at a very young age and also close to childhood. The exercise proved to be very powerful and the group desired to continue after completion of the course through an extension project which allows greater movement and dialogue with other schools and communities.

Keywords: theater in the school, theater in the community, narrative and memory.

A moça tecelã

Acordava ainda no escuro,
como se ouvisse o sol chegando atrás das beiradas da noite.
E logo sentava-se ao tear.
(...)

Depois lãs mais vivas,
quentes lãs iam tecendo hora a hora,
em longo tapete que nunca acabava.

Assim, jogando a lançadeira de um lado para outro
e batendo os grandes pentes do tear para frente e para trás,
a moça passava os seus dias.

Nada lhe faltava.
Na hora da fome tecia um lindo peixe, com cuidado de escamas.
(...)

E à noite, depois de lançar seu fio de escuridão, dormia tranquila.
Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer.

Marina Colasanti

O PIPE e seu contexto

O Projeto Integrado de Prática Educativa (PIPE), é um projeto institucional da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Está presente em todos os cursos de Licenciatura, como componente curricular para formação de professores da Educação Básica em Nível Superior, de acordo com a Resolução nº 2 de 19 de fevereiro de 2002 do Conselho Nacional de Educação (CNE).

O projeto tem um total de 2.800 horas, assim distribuídas: 1.800 horas de aulas para os conteúdos curriculares de natureza científico-cultural; 200 horas para outras formas de atividades acadêmico-científicas e culturais; 400 horas de estágio curricular, a partir do início da segunda metade do curso; 400 horas de prática. No curso de graduação em Teatro, as práticas como componentes curriculares estão distribuídas nos cinco semestres iniciais, de um total de oito semestres. Essa distribuição se dá tanto no turno noturno, com ingressantes na modalidade licenciatura, quanto no turno integral, em que no fim do terceiro semestre o estudante opta pela modalidade licenciatura ou bacharelado.

A experiência do PIPE 1, que compartilho neste texto, está localizada no momento de ingresso dos estudantes no ano de 2015, dentro da carga horária de 45 horas, com 16 alunos matriculados no turno integral e 11 alunos no turno noturno. As aulas das duas turmas aconteceram aos sábados pela manhã, de agosto a dezembro.

As escolhas e o percurso desse semestre estão em diálogo com o meu projeto de pesquisa docente, intitulado “Tecendo fios: narrativa, memória e máscara na formação e criação teatral”. Busco também conciliar aspectos que estão inseridos no Projeto Pedagógico do Curso de Teatro (escrito em 2006, com revisão em 2009) no que concerne à tentativa de uma intervenção dos ingressantes no espaço escolar, ampliando e antecipando a experiência que normalmente acontece a partir do quinto semestre com os estágios supervisionados. A ação segue as recomendações do Núcleo Docente Estruturante, feitas em 2011, de investir numa prática de escrita e leitura com os graduandos ingressantes.

Não posso deixar de mencionar que a experiência, que resultou no trabalho cênico intitulado *Retalho de nós*, é continuidade de outra iniciativa similar, realizada com a turma anterior, ingressante em 2014. Daquela feita, o projeto culminou em um trabalho cênico intitulado *Entrelaçando memórias*. Em 2015, os procedimentos estiveram à luz das dificuldades e das descobertas vivenciadas na primeira criação, realizada um ano antes.

O início do semestre e o fio da narrativa

Voltemos a agosto de 2015, à programação da Semana de Abertura do curso de graduação em Teatro da UFU. Sugeri aos estudantes do Diretório Acadêmico (DA) que incluíssem nas atividades do evento a exibição do

filme *Narradores de Javé* (2004), de Elianne Café e roteiro de Luís Alberto de Abreu. Propus a sessão no sábado, dia 22 de agosto, às 9 horas, que já seria o horário das aulas do PIPE naquele semestre.

Não foi esse o único momento da minha trajetória docente em que revisitei esse filme, muito ao contrário. Essa e outras criações de autoria de Luís Alberto de Abreu em artigos ou obras teatrais são uma constante em meu trabalho docente, especialmente quando estou à frente de componentes curriculares como PIPE, dramaturgia e estágios supervisionados. Dentro da minha formação, Abreu ocupa um lugar bastante destacado, e é inevitável voltar a aspectos presentes em sua concepção de teatro e de mundo, como a experiência compartilhada e presente em uma narrativa.

No texto *A restauração da narrativa*, por exemplo, que foi a primeira indicação de leitura que eu fiz para as turmas de PIPE de 2015, o autor passa em revista dois momentos da arquitetura urbana (o tempo em que escreve e as cidades coloniais brasileiras) para compreender o papel da narrativa à luz de seu tempo e acessando autores como o Bakhtin de *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento* e o Walter Benjamin do artigo “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”.

No interior de uma noção forte de “corpo social” se estabelece um imaginário comum de mitos, crenças, histórias, memórias etc. É do interior desse imaginário comum, público e permeável – que ao mesmo tempo que invade a memória e os valores do indivíduo, abriga e agrega suas contribuições – que as pessoas extraíam o material para suas expressões simbólicas: ritos, mitos, arte. Foi de dentro de um imaginário e de experiências tornadas comuns que floresceu a narrativa como transmissora de conhecimentos e, mais importante, de experiências individuais para o repertório coletivo. Qualquer alteração em quaisquer dos planos – o concreto e o simbólico – provoca alteração na forma de expressão humana. (NICOLETE, 2011, p. 600).

O momento de chegada do estudante no curso de graduação me parece bastante significativo na vida de um jovem, e eu tenho tido a curiosidade de saber um pouco mais sobre esse marco, tenho lançado desafios quando há oportunidade de conduzir turmas iniciantes na graduação. Nesse semestre em foco, logo após a exibição do filme *Narradores de Javé*, provoquei: “Que acontecimento da sua vida no passado você gostaria de compartilhar com outras pessoas? Algo que metaforicamente poderia ser uma espécie de ‘patrimônio’ para você?”.

A associação dessa atividade está em consonância com a fábula de *Narradores de Javé*, que conta a história de um povoado ameaçado pela construção de uma barragem. A única maneira de salvaguardar o lugar seria a escrita de um livro, espécie de dossiê, que pudesse convencer que havia ali um patrimônio da humanidade passível de preservação. Os habitantes vão narrando acontecimentos que devem ser registrados pela mão de Biá, o único dentre os adultos do pequeno vilarejo de Javé que domina o código escrito. Como há muitas versões de um mesmo fato, um quiproquó vai se armando, o escriba, espécie de anti-herói, não conclui a sua tarefa dentro do tempo previsto, e as águas assolam o lugar.

Uma das intenções que venho alimentando ao lançar o filme como obra de apreciação é a discussão da escrita, não literalmente no papel, mas enquanto construção de uma trajetória, especialmente nesse momento de limiar no ensino superior. No entanto, como produto artístico, intuo que a obra “filme” contribui como mote estimulante, a partir da apreciação e do trabalho que solicito. Nos dois anos consecutivos em que *Narradores de Javé* abriu os trabalhos do semestre, todos foram convidados a levarem seus fragmentos de memória, com a orientação de que deveriam ser narrados por outras pessoas, e não por quem os viveu. Os narradores ainda tiveram como comando a possibilidade de utilizar um objeto para a apresentação, e cada subgrupo foi formado por alguns estudantes, ficando o autor de cada narrativa destacado dos outros, apreciando a forma de narração. As apresentações nos anos de 2014 e 2015 ocorreram na semana subsequente à da exibição do filme.

O intuito do presente texto é justamente buscar entender que elementos se evidenciaram no trabalho, especialmente no segundo semestre de 2015. Para tanto, vou me pautar mais especificamente na escrita sobre o exercício cênico intitulado *Retalho de nós*, correspondente a esse período letivo, embora em alguns momentos eu me reporte também ao que foi criado em 2014, intitulado *Entrelaçando memórias*.

É preciso mencionar que, no mesmo dia da exibição do filme, as duas turmas de 2015 tiveram justamente a oportunidade de assistir esse outro exercício cênico do ano anterior. A apresentação de *Entrelaçando memórias*, em 22 de agosto de 2015, finalizou a temporada do grupo anterior, já que o trabalho não parou em dezembro de 2014, com o fim do semestre. Foi possível com a turma do ano anterior uma circulação semanal durante todo o primeiro semestre de 2015 em escolas de educação básica de professores,

que naquele momento estavam cursando o mestrado profissional em Artes, na própria Universidade Federal de Uberlândia.

Por entre pontos: passagens e processo em trânsito

Retorno ao plano de curso de PIPE I no segundo semestre de 2015 para perceber até que ponto a rota traçada foi realmente percorrida, quais os retornos e desvios estiveram presentes. Elegi como objetivo geral no início da disciplina “refletir sobre o processo de aprendizagem/fazer teatral”. Percebo esse objetivo mais amplo e genérico como adequado para o tipo de trajetória, especialmente porque logo após a apresentação dos grupos fizemos uma rodada para que todos da turma pudessem falar. Também, no decorrer de outras semanas, fui provocando por outros meios de observações e de enunciação, como por exemplo a escrita e a troca de cartas entre os estudantes.

Elegi ainda quatro objetivos específicos, conforme transcrição enumerada a seguir:

1. Discutir a importância do fazer/apreciar teatro em espaços comunitários e escolares.
2. Analisar elementos narrativos e provenientes da memória em prol do fenômeno teatral.
3. Sistematizar procedimentos de registro e reflexão em seu processo de aprendizagem.
4. Contribuir com processo de criação, visando coletividade inerente ao campo teatral.

Com relação ao primeiro objetivo, fizemos algumas discussões, mas efetivamente só conseguimos chegar a um espaço comunitário e a uma escola para apresentar as narrativas. Ainda assim, em condições bem distantes do que seria o cotidiano desses espaços, pois privilegiamos os momentos a partir de uma disponibilidade de horário bem limitada dos alunos. Uma das turmas era do período noturno, com aulas todas as noites, e vários deles trabalhavam durante o dia, o que inviabilizava qualquer apresentação noturna ou mesmo em horário comercial. Assim, restou-nos como horário comum para um compartilhamento o próprio sábado de manhã, que era justamen-

te o momento das nossas aulas, ou mesmo, pontualmente, o domingo de manhã.

No sábado dia 28 de novembro apresentamos o trabalho *Retalho de nós* na escola E. E. Antônio Thomaz Ferreira Resende, onde estiveram presentes a diretora, alguns alunos e membros da comunidade. A estudante da turma Integral de PIPE que, naquele momento, cursava também o terceiro ano do Ensino Médio dessa escola, esperava uma adesão maior. Isso tendo em vista a recepção que vivenciara com um pequeno grupo de estudantes do PIPE, que fora à escola alguns dias antes para fazer uma divulgação, com pequenas cenas, em um intervalo das aulas (Figura 1).



Figura 1 - Cena de *Retalho de nós*, divulgação na E. E. Antônio Thomaz Ferreira Resende, em 26 de novembro de 2015.
Fotografia: Laura Ribeiro.

Já havíamos feito uma apresentação de *Retalho de nós*, no domingo dia 15 de novembro, na Associação dos Moradores do Bairro Luizote de Freitas. Foi no dia de um temporal bastante forte na cidade, e demoramos bastante para que a maior parte do grupo pudesse chegar, a partir do nosso esquema de carona solidária, já que havia alguns estudantes motorizados dentro do grupo. Nesse dia tivemos a presença de alguns conhecidos e familiares do elenco.

Foram acaloradas dentro dos grupos as discussões sobre tempos e espaços para o apreciar teatro na comunidade e na escola, sem ser propriamente uma obrigatoriedade (sábado ou domingo de manhã, ou seja, momento não letivo ou de não atividade rotineira). Independentemente do número de pessoas, a experiência mostrou-se válida. Se a apresentação tivesse ocorrido em um momento de aula na semana, por exemplo, teríamos um público maior, mas o que esteve em foco não foi o aspecto quantitativo, e sim a possibilidade de realmente haver interação entre público e narradores.



Figura 2 - Apresentação de *Retalho de nós* em 15 de novembro, na Associação dos Moradores do Bairro Luizote de Freitas.

Fotografia: Lucas Francisco.

Acredito que tenha sido muito importante, para o processo de fazer/apreciar teatro, sair do conforto da sala de aula com graduandos em quatro ocasiões (duas para ensaio e duas para o compartilhamento com o público). No entanto, essa regularidade não me pareceu suficiente para que possamos chegar a uma discussão consistente sobre o fazer em dois espaços tão complexos como escola e comunidade. Acredito que demos o primeiro passo em direção a essas realidades. Nesse sentido, sugeri às duas turmas de PIPE a

leitura do primeiro capítulo do livro *Pedagogia do teatro: provocação e dialo-gismo*, de Flávio Desgranges, e também a apreciação de um vídeo de Paulo Freire. Creio, porém, que os elementos que me interessaram discutir sobre “mediação” sejam aspectos a ser atingidos no decorrer de vários semestres, dentro de um curso de graduação. Também, a limitação de um componente como o PIPE inaugura um direcionamento que ainda precisa de investimentos em outros tempos e espaços curriculares, na formação de atores e professores de teatro dentro de um curso de graduação.

Acredito que os segundo e quarto objetivos foram os que tocamos um pouco mais, pois, ao ensaiar e compartilhar, buscamos conversar sobre como as narrativas iam se desenvolvendo. Dessa maneira, percebo uma teatralidade que foi se delineando no decorrer desses poucos meses, e o mesmo com relação ao processo de criação em busca de uma coletividade. Lembro-me de que um dos estudantes levantou, em um dos encontros, a falta de escuta entre os grupos e de que, inclusive, em alguns momentos, buscamos ensaios simultâneos para otimizar o tempo. No último ensaio, antes do compartilhamento do final do semestre na própria universidade, percebíamos que já estávamos com uma cumplicidade maior. Esse resultado foi possível a partir da apropriação de comentários e também de algumas faltas de estudantes, levando a substituições que acabaram por estimular que os subgrupos iniciais se misturassem um pouco mais. Outro aspecto que contribuiu muito com o processo de coletividade foram as músicas, algumas delas compostas especialmente para o trabalho. Fui motivando o grupo todo a saber a melodia e a letra para poder cantar de maneira uníssona.

Ao meu ver, o terceiro objetivo – buscar formas de registro e reflexão – aconteceu só até determinado ponto, pois não tive o fôlego necessário para manter com a turma as leituras e as produções de texto por todas as semanas. A troca de cartas, que tem sido uma constante em processos que conduzo, esteve presente, mas gostaria que tivesse sido mais contínua. A impressão que tenho, ao olhar para trás, é que em determinado momento passei a privilegiar o próprio discurso da narrativa em cena e da oralidade sobre ela, e não mais a escrita. Ao escrever este texto sinto-me provocada para intensificar a escrita em outros processos que venha a conduzir. Compreendo que esse é um ponto fundamental para que eu possa extrair o sumo das experiências do presente e para que estas possam alimentar o porvir.

Acredito que as fotos e as filmagens – realizadas no decorrer do processo e postadas num grupo fechado em uma rede social, com todos os

graduados do processo – tenham sido muito relevantes, pois permitiram a retomada das cenas realizadas e também o compartilhamento de outros signos, como, por exemplo, explicitar as narrativas de cada um. Quando estávamos a três semanas do fim do semestre, solicitei que todos postassem seus textos por escrito no grupo virtual. E foi justamente no ensaio seguinte que algumas narrativas puderam ser mais detalhadas e compreendidas; em alguns casos, apenas com a adição de uma palavra ao que eles estavam fazendo e que estava registrado no texto. Ao refletir sobre isso, vejo que posso potencializar esse tipo de condução.

Também destaco a utilização dos objetos por meio dos quais eu passei a nomear os grupos. Um deles utilizava uma rede, outro uma fita, outro jornais e, outro, um urso. Foi desse último grupo que já no primeiro compartilhamento com a turma saiu a proposta de, ao final, todos levarem outras narrativas à tona, além de montarmos uma mesa de comes e bebes.



Figura 3 - Momento de compartilhamento dos alimentos, em 15 de novembro, na Associação dos Moradores do Bairro Luizote de Freitas.
Fotografia: Lucas Francisco.

Esse lanche proposto por um dos grupos foi assumido como primeiro aspecto de junção da turma, pois o alimentar-se coletivamente é algo que tenho buscado inserir em outros processos que conduzo. Sinto que me aproximo mais dos estudantes e que eles também se aproximam mais de mim e uns dos outros. O tempo de intervalo é otimizado como um momento de encontro e de troca de experiências. É quando falamos de outros aspectos para além do currículo de uma aula. Isso de certa maneira tem auxiliado na

percepção do outro e, conseqüentemente, compreendi que a prática poderia ser levada facilmente para a cena também, ainda mais tendo como gênese um dos próprios grupos.

Nesse processo específico de criar momentos de aprendizado fora da sala de aula, houve ainda as idas e voltas dos locais de ensaio e apresentação (escola e comunidade), que junto com o lanche coletivo ajudaram a fortalecer os laços da turma – na última vez fomos de transporte coletivo da própria universidade, e nas três anteriores, em automóveis de passeio. Ao meu ver, a conversa durante o percurso também colaborou muito na construção de um espaço de coletividade.

Voltando aos objetos que foram utilizados pelos subgrupos, destaco a rede e a fita, que se afinaram com uma analogia que eu tenho bastante forte para esse tipo de trabalho e que já esteve presente quando conduzi, em 2014, *Entrelaçando memórias*. A imagem da tecelã, extraída de um conto de Marina Colasanti que eu utilizei na epígrafe deste texto, é uma associação com esse “tecer” e com a genealogia presente na própria palavra texto. Não quero me distanciar desse caminho, porque está em consonância com o meu projeto docente e porque retoma a minha própria infância entre tecidos e retalhos, quando minha mãe costurava roupas para bonecas de uma empresa de brinquedos.

Não que eu tivesse essa recordação da infância desperta no início do processo, foi quase no final dele que esse *flash* de memória veio à tona, quando mencionei para os estudantes que gostaria de mudar o elemento “jornal” para “retalhos”. É que me ocorreu que aqueles fragmentos contados eram apenas uma pequena parte de cada um. Uma imagem, como uma foto, compartilhada ali em um coletivo em um determinado momento do processo. Mas a narrativa, em si, não é “a pessoa”. Cada um, dentro do processo, modificou-se e vai se modificar muito ainda dentro do seu período na graduação e depois dela. Mas, ainda assim, fico com o gostinho de que quero pausar a lente sobre esse momento para entendê-lo melhor. Como disse anteriormente, é por isso que escrevo este texto. É por isso que registro no próprio plano de curso que os estudantes, além de uma escrita processual, contam com uma produção também reflexiva ao final, para que possamos aprender um pouco mais ainda com esse tempo. Os textos finais que os estudantes escreveram são fontes que renderiam ainda outro artigo para análise.

Linhas que ficam do compartilhamento na escola e na comunidade: o contato com a plateia



Figura 4 - Momento de compartilhamento de narrativas, em 15 de novembro, na Associação dos Moradores do Bairro Luizote de Freitas.
Fotografia: Lucas Francisco.

Mencionei a prática de alimentar-se coletivamente, realizada por um subgrupo, e que é recorrente nas aulas que conduzo. Nesse momento, o compartilhamento foi ampliado para a plateia. Essa ação foi integrada ao trabalho visando a atingir também uma partilha de outras narrativas entre as pessoas que criaram *Retalhos de nós* e as que assistiram às apresentações na escola, na comunidade e na própria universidade. Essa opção de participação com narrativa dos que assistem já havia sido realizada no trabalho *Entrelaçando memórias*, realizado com a turma anterior de PIPE em 2014, mas não relacionada ao momento de alimentação. Ao circular com o trabalho no primeiro semestre de 2015 em várias escolas públicas, fazíamos várias rodas simultâneas com os graduandos e professores do mestrado profissional em Artes, motivando a enunciação de narrativas dos estudantes e professores das escolas básicas a partir das cenas vistas.

Foram momentos de muito aprendizado para os graduandos, que se surpreenderam com narrativas de vida levadas pela plateia. Nessa empreitada com a turma de 2015, tivemos o mesmo propósito, mas ao aliar o alimento pudemos perceber alguns momentos em que as narrativas foram ouvidas

por todos. Como no trabalho anterior, abolimos o código das palmas após a apresentação das narrativas em cena, compartilhando uma boneca de pano a cada um que fosse trazendo fragmentos da sua memória. Inicialmente esse objeto era um urso, mas, assim que fomos amadurecendo a ideia de retalho para ser usada como signo no cenário e no figurino, avaliamos que uma boneca de pano representaria melhor a imagem dentro do trabalho.

Na Figura 4 podemos ver o momento dessa roda em que pessoas da plateia, sendo ou não familiares ou conhecidos dos atores, juntam-se à ação de contar narrativas também. Vejo esse ato como um dos aspectos mais instigantes e provocantes para a inserção e a ampliação do teatro dentro do espaço escolar e das comunidades. Independentemente do papel que cada um assume antes da roda, graduandos ou público, o importante ali é o momento de compartilhamento de narrativas e a escuta do outro.

Num momento como esse, retomo o entendimento do narrar como o de compartilhamento de uma experiência humana. É possível evocar o Walter Benjamin dos seus célebres textos, como *O narrador*, que já mencionei anteriormente, ou mesmo *Experiência e pobreza*. Também trago o entendimento da dramaturgia segundo Luís Alberto de Abreu, como uma organização de ação em comunicação com o público de seu tempo e em consonância com o pulso da época. Não há grandes aparatos cenográficos, rapidamente o espaço teatral se organiza dentro de um círculo. Nesses compartilhamentos vivi momentos intensos de cumplicidade, de olho no olho e de humanidade. Senti-me, às vezes, no meio de uma ágora ou no centro de uma taba.

Alinhavar: conclusões provisórias

Gosto muito da obra de Peter Brook e poderia ter escolhido esse autor como mote para o semestre em questão, mas não cheguei a indicá-lo aos estudantes, assim como não o fiz com o autor Jacques Rancière, de *O mestre ignorante* e *O espectador emancipado*, que me são obras muito caras. E é com esse desejo de quero mais que saio desse processo. A sensação é de ter tido apenas uma amostra grátis de algo que quero experimentar muito mais, especialmente nas escolas básicas e em comunidades: intensificar o espaço cênico, que antes era um pátio, como o vazio que vai ser o lugar de construção criativa, como elucida Peter Brook, e vivenciar um momento de igualdade entre os presentes, independentemente de serem oriundos da

universidade ou da escola básica, de serem estudantes ou docentes. Uma não hierarquia no compartilhamento das experiências.

Como também disse no decorrer deste texto, já tive uma experiência com uma turma anterior a partir de procedimentos semelhantes e prolonguei o trabalho anterior por um semestre. Meu desejo atual é continuar em 2017 com os interessados da turma anterior, os da turma aqui em foco e outros que tenham o desejo de se aproximar da narrativa como elemento importante dentro do fazer teatral. Dentre as possibilidades de circulação com esse trabalho em escolas e comunidades, penso em ir sintetizando temas que foram recorrentes, como quedas, escolha profissional, relação pais e filhos, opção sexual, entre outros.

Outra possibilidade que me interessa muito é focar em narrativas do momento adolescente ou pré-adolescente, entre 10 e 14 anos, que me parece a faixa etária mais recorrente nas lembranças dos graduandos. Acredito que posso buscar nos retalhos a intensificação estética; penso, por exemplo, num tipo de tecido comum nessa fase de vida, especialmente o tecido *jeans* azul, investigando um pouco o surgimento desse tipo de vestuário, e incluindo-o numa narrativa.

Mas essa é uma costura que fica para próximas tecelagens.

Referências

NICOLETE, A. (Org.). *Luís Alberto de Abreu: um teatro de pesquisa*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DESGRANGES, F. *A pedagogia do teatro: provocação e dialogismo*. São Paulo: Hucitec, 2006.

RANCIÈRE, J. *O mestre ignorante*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

RANCIÈRE, J. *O espectador emancipado*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

.....

Recebido em: 7 maio 2016

Aceito em: 31 maio 2016